



AURORAS DIVERSAS DE TODAS AS ÉPOCAS, DE PAUL VALÉRY

AUROS DIVERSES DE TOUTE ÉPOQUE, DE PAUL VALÉRY

Daniel Glaydson Ribeiro*
Fábio Roberto Lucas**

* dgribeiro@usp.br
Graduado em Letras pela UVA-CE. Mestre em Língua Espanhola e Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Professor de Novas Tecnologias da Informação e Comunicação e de Pluralismo Cultural no Instituto de Estudos e Pesquisas do Vale do Acaraú (CE). E-mail: dgribeiro@usp.br.
** fabio.lucas@usp.br
Graduado em Filosofia e Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP.

RESUMO: Este texto apresentará a tradução de quatro poemas de Paul Valéry sobre a passagem da aurora, uma experiência privilegiada para se pensar a poética do escritor francês, dentro da qual o traduzir tem um papel central como ato que prolonga o inacabamento e as hesitações do poema, partilhando com o leitor combinações mais sutis entre o som e o sentido, entre a voz e o pensamento, entre o corpo, a linguagem e o mundo. Esses poemas foram publicados na seção “Pièces diverses de toute époque” das *Poésies* valerianas reunidas em 1942, seção que trazia a esparsa escrita em verso burilada pelo poeta após a publicação de *Charmes* e do *Album des vers anciens*, na década de 1920.

PALAVRAS-CHAVE: Paul Valéry; Tradução poética; Poesia francesa; Poesia moderna.

RÉSUMÉ: Ce texte présente une traduction de quatre poèmes de Paul Valéry sur le passage de l’aurore, une expérience privilégiée pour penser à la poétique de l’écrivain français, dans laquelle le traduire a un rôle central en tant qu’acte qui prolonge l’inachèvement et les hésitations du poème, en partageant avec le lecteur des combinaisons plus subtiles entre le son et le sens, entre la voix et la pensée, entre le corps, le langage et le monde. Ces poèmes ont paru dans la section «Pièces diverses de toute époque » des *Poésies* de Valéry réunies en 1942, une section ayant l’éparse écriture en vers ciselée par le poète après la parution de *Charmes* et de *l’Album des vers anciens*, dans les années 1920.

MOTS-CLÉS: Paul Valéry; Traduction poétique; Poésie française; Poésie moderne.

1. Oeuvres I, Paris: Gallimard, 1957, p. 157-161.

INTRODUÇÃO

Como todos sabemos, 2015 foi um ano terrível para o Brasil, marco de um ciclo que passou a desfazer todos os pactos mal suturados da redemocratização nos anos 1980 – com todas as arestas mal resolvidas da chamada “transição” a atravancar as melhorias lentas, porém contínuas, feitas no país pela democracia nas últimas décadas. Esse ano marcou também 70 anos da morte de Paul Valéry, ocorrida poucos meses após o fim da Segunda Grande Guerra, em 1945.

Mencionar datas e acontecimentos seria talvez inadequado para introduzir um poeta sabidamente entediado por eles, não porque Valéry lhes fosse indiferente, mas justamente porque se interessava pelas forças e pelos fluxos que lhes são subjacentes, a busca pelo processo de formação e não pela forma posta: “os acontecimentos me entediam”, diz a epígrafe valeriana de *Claro enigma*, “os acontecimentos são a espuma das coisas, o que me interessa é o mar”. Assim, por um lado, não é sem ironia que se vê uma mera data juridicamente convencional marcar a entrada da obra de Valéry em domínio público, ensejando então novas edições críticas e comentadas – como os três tomos das *Oeuvres* completas organizadas por Michel Jarrety para a Livre de Poche – e também inúmeras novas iniciativas de tradução em diversos países. Por outro, é igualmente impossível não especular sobre o *kairós* dessa reemergência,

como se o encontro das datas – leve-se em conta que a nova crise da vida política e cultural não é privilégio brasileiro – não fosse apenas coincidência, mas indicasse algo de marítimo a ser pensado.

No Brasil, dentre as traduções que vêm surgindo recentemente, destaca-se a de *Maus pensamentos & outros* (2016) e a de *Lições de Poética* (2018), feitas por Pedro Sette-Câmara para editora Âyiné. Além disso, Júlio Castañon Guimarães publicou pela Ateliê Editorial uma tradução de *Fragmentos de Narciso e outros poemas* (2013), incluindo o texto título e “Palma”, de *Charmes*, mais alguns outros poemas do *Album de Vers Anciens*. Trata-se dos dois livros de poesia publicados por Valéry na década de 1920, este com uma reunião de composições veiculadas em diversas revistas literárias pelo então jovem poeta na década de 1890, e o primeiro com os poemas feitos após a criação de *La Jeune Parque* durante a Primeira Guerra, experiência que impulsionará o retorno de Valéry à escritura poética após muitos anos de silêncio, com a feitura de “Le Cimetière Marin”, “Ébauche d’un Serpent”, “La Pythie”, “Les Pas” e alguns outros textos que, a partir do fim da Primeira Grande Guerra, darão ao escritor maior reconhecimento na França e *ailleurs*.

2. Sobre as ressonâncias dessa epígrafe valeriana no livro de Drummond, cf. FRANCISCO JR. *O livro vertebrado*, p. 31-35; OLIVEIRA E SOUZA. Drummond e Valéry; VALÉRY. *Oeuvres I*, p. 1508.

3. Para alguns dos projetos de tradução de Valéry em curso, cf. os seminários recentes da equipe do ITEM/CNRS (www.item.ens.fr/valery-translation-2017-2018/), bem como o colóquio “Paul Valéry, 70 ans après” (www.singer-polignac.org/fr/colloques-arts-lettres/a-l-saison-2015-2016/1164-paul-valery-70-ans-apres).

Donde a importância de destacar o trabalho de tradução completa deste livro, feito inédito em português, atualmente realizado por Roberto Zular e Álvaro Faleiros, após diversas traduções pontuais de “Cemitério Marinho”, “Esboço de Serpente”, “Os passos” e mais algumas, feitas por Augusto de Campos, Guilherme de Almeida, Jorge Wanderley, Nelson Ascher e outros poetas. Ainda em curso, mas com alguns resultados publicados em artigos, o trabalho de Zular e Faleiros se nutre de uma leitura renovada da poética valeriana, dentro da qual o ato de traduzir assume protagonismo. Afinal, a tradução seria um gesto de efetuação de passagens e modulações entre códigos heterogêneos, entre a voz que existe e a voz que vem e deve vir, tal como a própria criação poética, ela também tradutória de transações e de afecções entre sistemas e materiais – visuais, semânticos, sintáticos, sonoros, lógicos, retóricos, métricos, táteis, prosódicos e muitos outros – mutuamente implicados e irreduzíveis entre si, sem ser hierarquizados uns sobre os outros, mas mantidos em prolongada sobre-determinação e *equivocidade* recíproca.

Assim, a tradução será ela mesma hesitação entre corpos, linguagens e mundos heterogêneos, demandando um trabalho de e(qui)vocação dos diferentes parâmetros e variáveis tradutórias, no qual os sacrifícios e sujeições do som ao sentido, do sentido ao som ou, no geral, de um plano – sintático,

rítmico, imagético etc. – a outro dão lugar à busca contínua por vias capazes de prolongar a hesitação equívoca entre eles e de assumir, *refazer*, *reverberar* o inacabamento do poema traduzido como segredo intraduzível, que é condição mesma de im/possibilidade da tradução e da literatura. Trata-se, assim, de rastrear nos traços do transporte ou do cavalgamento interlingual as im/perfeições *precisas*, que, longe de mostrar esses diferentes planos já constituídos e ordenados, partilham seu processo de sobre-determinação recíproca, o interregno hesitante que os equivoca.

No caso das rimas – máquina de criar máscaras, disfarces e interstícios contra a gigantesca máquina de impropérios da reportagem universal e suas farsas midiáticas – destacamos o forte uso das *rimas incompletas*, expressão utilizada por Paulo Henrique Britto para designar casos em que nem todos os elementos rimam. Como na nona estrofe de “Equinócio”: “No instante em que eu me enlaço a meu olhar de pedra, / Fixo e duro ‘Por que assim?’, / Um arrepio sombrio, a sombra de uma pálpebra / Palpita entre mim mesmo e mim”. Vale notar que os octassílabos do texto em francês já terminam imperfeitos em “pourquoi” e “moi”, ao passo que os alexandrinos compõem a *rime léonine* entre “paupière” e “pière”, mais comuns em língua francesa. Por isso, não insistimos em uma consonância perfeita, pois, apesar de ser uma solução válida para outros momentos,

4. Para uma história da tradução dos poemas de Valéry em português, ver FALEIROS e ZULAR. Situação de Valéry.
5. FALEIROS E ZULAR. Nos passos de Valéry, Da hesitação ao ato de traduzir e outros artigos citados na bibliografia.
6. Com a difusão dos *cahiers* a partir dos anos 1970, a visão de Valéry como poeta formalista tem sido mais nuançada, a ponto de William Marx afirmar recentemente que, considerados os textos póstumos, a poética valeriana se revela como dupla, premida pela tensão entre uma dimensão pública/formal e uma dimensão esotérica/epifânica (MARX. Les deux poétiques de Paul Valéry; Cf. também LUCAS. *O poético e o político*, p. 13-28).
7. Sobre as noções de equivocidade e sobre-determinação, cf. MANIGLIER, *Surdétermination et duplicité des signes*. Sobre a tradução como ato de criação em Valéry, cf. MARX. *Naissance de la critique moderne*, p. 271-275.

8. Sobre o segredo como condição de im/possibilidade da literatura, cf. DERRIDA. *Dar a morte*, p. 149-191.

9. Cf. BORGES, LUCAS, RIBEIRO e WRAPNER, “Tra-du: trato entre sóis”.

aqui, tal gesto hierarquizaria a rima como parâmetro soberano sobre todos os outros, causando distúrbios não só sobre o sentido, a sintaxe e demais planos, mas também sobre a própria rima, que adquiriria uma saliência inexistente em francês. Em casos assim, preferimos correspondências, proximidades rítmicas mais modestas, como diz ainda Britto, aparentes descuidos que – segundo a opinião de Tom Zé acerca das rimas “toantes” desse grande leitor de Valéry que foi João Cabral – são, na verdade, uma procura obsessiva que pode resultar, às vezes, em versos mais elegantes, em rimas que soam de um jeito diferente, em mais de um limiar da articulação entre consoantes e vogais, tal como em pedra/ pálpebra, com seus microatritos sutis prolongando a hesitação no intervalo entre o discurso e sua dicção, matizando as passagens por entre seus diferentes sistemas e materiais.

O que segue é uma tentativa de prolongar o atual esforço de traduzir e e(qui)vocar a poesia valeriana a partir de nossos outros contextos, expectativas e materiais, com a apresentação de alguns poemas da seção “Pièces diverses de toute époque”, que surge na edição de 1942 de *Poésies*, trazendo algo da esparsa produção em verso do escritor após publicação de *Charmes*. Dentre as doze peças dessa seção, traduzimos uma sequência de quatro poemas nucleares, pois suscitam uma experiência constante da

poética valeriana: a aurora. Momento de dobra e de borda entre início e fim, quando o real ainda hesita na partilha claro-escuro de nuances que a cada passo diferem do vórtice pálido da madrugada, e a luz começa a se acoplar às coisas, fazer balbuciar suas formas, florescer o espaço, a aurora é também – e talvez sobretudo – o momento de escritura dos *cahiers*.

Escritura infinita, prolongada diariamente durante mais de 50 anos – de 1894 até o dia da morte de Valéry em 1945 – desde antes de o sol nascer até o meio da manhã, os *cahiers* são laboratórios múltiplos de pensamento em variação, ressoando à hora de uma “solidão habitada, bastante movediça para deixar o eu livre de todo fim determinado, bastante sugestiva da presença humana para permitir ao indivíduo conhecer-se diferente”, nas palavras de Jorge de Lima a respeito do mar valeriano. Essa experiência ao mesmo tempo intelectual e sensual de diferimento do ser vivente-E-pensante sedimenta a escrita dos poemas apresentados nas próximas páginas, poema que, lembra Valéry, só existe em ato, acionado por uma voz-pensamento que hesita entre Êros e *Nous*, constituindo-se menos no espaço inclusivo e extensivo de uma assembleia com múltiplos eus autoidênticos e homogêneos que no espaçamento intensivo da partilha entre um eu múltiplo e suas interações equívocas com os corpos, os discursos e o mundo.

10. Cf. BRITO, “A avaliação da tradução de poesia”, p. 226. Cf. também TOM ZÉ, “Repercussão”. Note-se que a noção canônica de rima toante – coincidência da vogal tônica – é constantemente tensionada: em João Cabral, passeio/rio ou Carmem/mulher são exemplos dos poemas sevilhanos; em Tom Zé, faina/humana; ou ainda a rima tumbas/pombas, que encerra o “Relógio do Rosário” de Drummond, retomando a rima colombes/tombes do Cemitério Marinho de Valéry.

11. VALÉRY. *Cahiers II*, p. 1273, 1283, 1305.

12. LIMA, Técnica; para afinidades entre Valéry e Jorge de Lima, cf. RIBEIRO. *Carnifágia malvarosa*, p. 207-213.

13. VALÉRY. *Oeuvres I*, p. 1349-1351. Cf. LUCAS. *O poético e o político*, p. 200-214.

Nesse sentido, seria possível ler na atual reemergência da poesia de Valéry o ensejo para repensar outros modos de partilha deste mundo finito no qual teimamos em entrar de costas, modos intensivos, com arranjos mais sutis entre som e sentido, voz e pensamento, os seres e a linguagem, natureza e cultura. A era do mundo finito começa – diz Valéry – e não cessa de findar – difere Michel Deguy. Eis que o mito colonialista do novo e da expansão infinita da modernidade não cessa de ruir à nossa frente, ressuscitando uma vez mais o fascismo que subjaz tanto ao desenvolvimentismo, sempre cadavérico e devastador, quanto ao trivializado domínio cínico da especulação financeira. Contra esse horizonte, a ressonância dos versos valerianos ativa suas nuances ao nos convidar a um pensamento intenso, hesitante, amorosa e refinadamente *entre* desejos e expectativas heterogêneas que se encontram e se equivocam na finitude do mundo reencontrada. O poeta como um político profundo, cujas potência e geometria, força e finesse não estariam em exercer uma vontade soberana, mas em modular e sobredeterminar diferentes sober-an-arquias.

14. VALÉRY. *Oeuvres II*, p. 923, 1064
; DEGUY. *La fin dans le monde*, p.
13.

POEMAS**HEURE**

L'HEURE me vient sourire et se faire sirène:
 Tout s'éclaire d'un jour que jamais je ne vis:
 Danseras-tu longtemps, Rayon, sur le parvis
 De l'âme sombre et souveraine?

Voici L'HEURE, la soif, la source et la sirène.

Pour toi, le passé brûle, HEURE qui m'assouvis;
 Enfin, splendeur du seul, ô biens que j'ai ravis,
 J'aime ce que je suis: ma solitude est reine!
 Mes plus secrets démons, librement asservis
 Accomplissent dans l'or de l'air même où je vis
 Une sagesse pure aux lucides avis:
 La présence est toute sereine.

Voici L'HEURE, la soif, la source et la sirène,

Danseras-tu longtemps, rayon, sur le parvis
 Du soir, devant l'oeil noir de ma nuit souveraine?

HORA

A HORA vem me sorrir e se fazer sirena:
 Tudo reluz num dia, igual não vi jamais:
 Dançareis longo tempo, ó Raio, nos portais
 D'alma sombria e suprema?

Eis aqui A HORA, a sede, a fonte — e a sirena.

Por vós, queima o passado, HORA que me saciais;
 Este esplendor do só, enlevos materiais,
 Amo aquilo que sou: solidão soberana!
 Meus secretos lusbéis, libertos serviçais,
 Desenham no clarão de meus ares vitais
 Sabedoria pura em lúcidos sinais :
 Vossa presença é serena.

Eis aqui A HORA, a sede, a fonte — e a sirena,

Dançareis longo tempo, ó raio, nos portais
 Noturnos, para o olho escuro em dor suprema?

L'OISEAU CRUEL...

L'oiseau cruel toute la nuit me tint
 Au point aigu du délice d'entendre
 Sa voix qu'adresse une fureur si tendre
 Au ciel brûlant d'astres jusqu'au matin.

Tu perces l'âme et fixes le destin
 De tel regard qui ne peut se reprendre;
 Tout ce qui fut tu le changes en cendre,
 O voix trop haute, extase de l'instinct...

L'aube dans l'ombre ébauche le visage
 D'un jour très beau qui déjà ne m'est rien:
 Un jour de plus n'est qu'un vain paysage,

Qu'est ce qu'un jour sans le visage tien?
 Non!... Vers la nuit mon âme retournée
 Refuse l'aube et la jeun e journée.

O PÁSSARO CRUEL...

Ave cruel por toda a noite me ata
 Ao ponto agudo e gozoso da escuta,
 Sua voz um furor terno executa
 Ardente céu de astros que a manhã mata.

Perfuras a alma e fixas o destino
 De tal modo que ninguém descortina;
 Transformas toda existência em ruína,
 Ó voz altíssima, êxtase do instinto...

A aurora na sombra esboça a miragem
 De um lindo dia que já me é vazio:
 Um dia a mais não é que vã paisagem,

O que é outro dia sem teu feitio?
 Não!... Minha alma à noite está voltada
 E recusa a aurora e a jovem jornada.

A L'AURORE

À l'aurore, avant la chaleur,
 La tendresse de la couleur
 A peine éparses sur le monde,
 Étonne et blesse la douleur.

O Nuit, que j'ai toute soufferte,
 Souffrez ce sourire des cieux
 Et cette immense fleur offerte
 Sur le front d'un jour gracieux.

Grande offrande de tant de roses,
 Le mal vous peut-il soutenir
 Et voir rougissantes les choses
 A leurs promesses revenir?

J'ai vu se feindre tant de songes
 Sur mes ténèbres sans sommeil
 Que je range entre les mensonges
 Même la force du soleil,

Et que je doute si j'accueille
 Par le dégoût, par le désir,
 Ce jour très jeune sur la feuille
 Dont l'or vierge se peut saisir.

À AURORA

À aurora, antes do calor,
 Eis que a ternura da cor,
 Mal se propaga pelo mundo,
 Já estremece e atíça a dor.

Noite, que sofri até o final,
 Sofrei este riso luminoso
 E essa flor descomunal
 Dedicada ao dia gracioso.

Enormes rosas ofertadas,
 Será o mal que vos eleva
 E vê coisas avermelhadas
 Retomando sua promessa?

Vi se fingir tanto sonho
 Em minha treva sem descanso
 Que até a força do sol suponho
 Ser apenas outro engano,

E tenho medo caso acolha
 Pelo desgosto, ou desejo,
 O jovem dia sobre a folha
 Em cujo brilho já me ensejo

ÉQUINOXE

ÉLÉGIE

Je change... Qui me fuit?... Ses feuilles immobiles
 Accablent l'arbre que je vois...
 Ses bras épais sont las de bercer mes sibylles:
 Mon silence a perdu ses voix.

Mon âme, si son hymne était une fontaine
 Qui chantait de toutes ses eaux,
 N'est plus qu'une eau profonde où la pierre lointaine
 Marque la tombe des oiseaux.

Au lit simple d'un sable aussi fin que la cendre
 Dorment les pas que j'ai perdus,
 Et je me sens vivant sous les ombres descendre
 Par leurs vestiges confondus.

Je perds distinctement Psyché la somnambule
 Dans les voiles trop purs de l'eau
 Dont le calme et le temps se troublent d'une bulle
 Qui se défait de ce tombeau.

EQUINÓCIO

ELEGIA

To look...

Eu mudo... quem me foge?... estas folhas tão fixas
 Cortam a árvore que há em nós...
 Este braço cansado a embalar as sibilas:
 Meu silêncio perdeu sua voz.

Minh'alma, se teu hino era um manancial
 Que cantava por todas águas,
 Não é mais que água funda em que a pedra final
 Demarca a tumba das revoadas.

Em um leito arenoso e tão fino qual cinza
 Dormem os passos que eu esqueço,
 E me sinto vivendo à sombra que desliza
 Nesse vestígio tão espesso.

Perco distintamente a Psiquê, sonâmbula
 Nos véus translúcidos da água
 Onde a bolha de calma e tempo se tribula
 E se desfaz dessa mortalha.

To look...

À soi-même, peut-être, Elle parle et pardonne,
 Mais cédant à ses yeux fermés,
 Elle me fuit fidèle, et, tendre, m'abandonne
 À mes destins inanimés.

Elle me laisse au coeur sa perte inexplicquée,
 Et ce coeur qui bat sans espoir
 Dispute à Perséphone Eurydice piquée
 Au sein pur par le serpent noir...

Sombre et mourant témoin de nos tendres annales,
 O Soleil, comme notre amour,
 L'invincible douceur des plages infernales
 T'appelle aux rives sans retour.

Automne, transparence! ô solitude accrue
 De tristesse et de liberté!
 Toute chose m'est claire à peine disparue;
 Ce qui n'est plus se fait clarté.

Tandis que je m'attache à mon regard de pierre
 Dans le fixe et le dur «Pourquoi?»,
 Un noir frémissement, l'ombre d'une paupière
 Palpite entre moi-même et moi...

A si mesma, talvez, Ela perdoa e fala,
 Mas cedendo aos olhos fechados,
 Ela me foge, tenra, e fiel e me larga
 A destinos inanimados.

Deixa em meu coração sua perda inexplicada,
 Um coração em desespero
 Com Perséfone rixa Eurídice picada
 Pela serpente ao puro seio...

Testemunha sombria a estes tenros anais,
 Ó Sol, igual a nosso afeto,
 A invencível doçura em praias infernais
 Te chama às margens sem regresso.

Outono, transparência! Exílio que se acresce
 De tristeza e de liberdade!
 Se mal desaparece, o objeto se esclarece;
 O que morreu faz claridade.

No instante em que eu me enlaço a meu olhar de pedra,
 Fixo e duro «Por que assim?»,
 Um arrepio sombrio, a sombra de uma pálpebra
 Palpita entre mim mesmo e mim...

O quelle éternité d'absence spontanée
 Vient tout à coup de s'abrèger?...
 Une feuille qui tombe a divisé l'année
 De son événement léger.

Vers moi, restes ardentes, feuilles faibles et sèches,
 Roulez votre frêle rumeur,
 Et toi, pâle Soleil, de tes dernières flèches,
 Perce-moi ce temps qui se meurt...

Oui, je m'éveille enfin, saisi d'un vent d'automne
 Qui soulève un vol rouge et triste;
 Tant de pourpre panique aux trombes d'or m'étonne
 Que je m'irrite et que j'existe!

Oh! Essa eternidade em ausência latente
 Que se abrevia subitamente?...
 Uma folha que tomba a dividir no tempo
 O seu leve acontecimento.

Até mim, folhas vãs, secas, restos ardentes,
 Escorram seu frágil rumor,
 E tu, pálido Sol, tuas flechas cadentes
 Perfurem-me esse agora morto...

Elevado... enfim, por um vento de outono
 Com sua rubra e triste altiva,
 O pânico em clarões de luz me deixa atônito
 Que eu me irrite – e que eu exista!

REFERÊNCIAS

BORGES, Ligia; LUCAS, Fábio Roberto; RIBEIRO, Daniel Glaydson; WRAPNER, Charles. *Tra-du: trato entre sóis*. Curitiba: **Blog escamandro**, 5 nov. 2018. Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/2018/11/05/tra-du-dialogo-sobre-traducao-por-ligia-borges-charles-wrapner-daniel-glaydson-ribeiro-e-fabio-roberto-lucas/>. Acesso em 19 nov. 2018.

BRITO, Paulo Henriques. “A avaliação da tradução de poesia: uma pesquisa em andamento”. In: GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène; COSTA, Walter Carlos. **Os estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI**. Florianópolis: Copiart, 2013, p. 221-235.

DEGUY, Michel. **La fin dans le monde**. Paris : Hermann, 2009.

DERRIDA, Jacques. **Dar a morte**. Tradução de Fernanda Bernardo. Coimbra: Palimage, 2013.

FALEIROS, Álvaro; ZULAR, Roberto. Nos Passos de Valéry. In: **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 197, 2014, p. 19-32.

FALEIROS, Álvaro; ZULAR, Roberto. Em torno do ‘Cimitière Marin’ de Paul Valéry: traduções brasileiras. In: PEREIRA, Germana Henriques; VERÍSSIMO, Thiago André. **História e historiografia da tradução: desafios para o século XXI**, v. 1. Campinas: Pontes, 2016a, p. 89-110.

FALEIROS, Álvaro; ZULAR, Roberto. Da hesitação ao ato de traduzir ‘l’abeille’ de Paul Valéry. In: CESCO, Andrea; ABBES, Gille; BERGMANN, Juliana. **Tradução literária: veredas e desafios**, v.l. 1. São Paulo: Rafael Copetti, 2016b, p. 69-92.

FALEIROS, Álvaro; ZULAR, Roberto. Variações da segunda pessoa na tradução de *Charmes* de Paul Valéry. In: **Revista Todas as Letras**, São Paulo, v. 19, p. 174-192, 2017a.

FALEIROS, Álvaro; ZULAR, Roberto. Traduzir os *Charmes* de Paul Valéry. In: **Domínios de Lingu@agem**, São Paulo, v. 11, 2017b, p. 1536.

FALEIROS, Álvaro; ZULAR, Roberto. Situação de Valéry traduzido no Brasil. In: **Remate de Males**, Campinas (org. Maurício Cardoso e Marcos Siscar), no prelo, 2018.

FRANCISCO JR, Eduardo. **O livro vertebrado**: a articulação de poemas em Claro Enigma de Carlos Drummond de Andrade. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH/USP, 2014.

LIMA, Jorge de. Técnica. In: **A manhã**, Rio de Janeiro, 07/04/1949, p. 4.

LUCAS, Fábio Roberto. **O poético e o político**: últimas palavras de Paul Valéry. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, USP-FFLCH, 2018.

MANIGLIER, Patrice. Surdétermination et duplicité des signes: de Saussure à Freud. In: **Savoirs et clinique**, Toulouse, n° 6, 2005, p. 149-160.

MARX, William. **Naissance de la Critique Moderne**. La littérature selon Eliot et Valéry (1889-1945). Paris: Artois Presses Université, 2002.

MARX, William. Les deux poétiques de Valéry, In: **Fabula**: Les colloques, Paul Valéry et l'idée de littérature, 2011. Disponível em <http://www.fabula.org/colloques/document1426.php>. Acesso em 19 nov. 2018.

OLIVEIRA, Gustavo P. C.; SOUZA, Jamesson B. Drummond e Valéry: enigmas eventuais. In: **Itinerários**, Araraquara, n. 43, 2016, p. 179-195.

RIBEIRO, Daniel Glaydson. **Carnifágia malvarosa**: as violações na Suma Poética de Jorge de Lima. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, USP/FFLCH, 2016.

VALÉRY, Paul. **Oeuvres I**. Edição Jean Hytier. Paris : Gallimard, 1957.

VALÉRY, Paul. **Oeuvres II**. Edição Jean Hytier. Paris: Gallimard, 1957.

VALÉRY, Paul. **Cahiers I**. Edição Judith Robinson-Valéry. Paris: Gallimard, 1974.

VALÉRY, Paul. **Cahiers II**. Edição Judith Robinson-Valéry. Paris: Gallimard, 1974.

ZÉ, Tom. Repercussão. In: **Folha de São Paulo**, 10 de outubro de 1999. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1010199941.htm>. Acesso em: 19 nov. 2018.